



Yasmin Adorno

Orientadora : Prof. Dra. Karina Dias

Rever / Rêver a cidade

Yasmin Adorno

Brasília, 2014

Rever / Revêr a cidade

Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a) : Prof. Dra. Karina Dias

Brasília, 2014.

Sumário :

- . Anotações sobre o espaço : Campo de antenas
O trem e os prédios
De onde ver
Duas Luzes
- . Sobre rever / rêver : (i)úmeras terras
Lugares à toa
Re – pouso sobre a cidade
Da (im)produtividade
Sem novidades e com preguiça
- . [...]
- . Bibliografia



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

Campo de Antenas:

Daqui, vejo algumas antenas. Imagino são dez, não tenho certeza. O que elas transmitem? Televisão? Grandes e várias . Assistindo antenas de televisão, penso que nesses fios correm atores, jornalistas, sensacionalistas, moralistas, filmes, comerciais e etc ... Mas que nada disso aparece. Metros e metros de fio sobre a minha cabeça e não consigo perceber, a quanto por hora corre uma notícia. Do meu aqui, notícias parecem estáticas, correm sem se fazerem notar, não sinto suas ondas de transmissão. Já o vento, sim .



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

O trem e os prédios :

Encontrei num terreno baldio um trem que passava e um monte de prédios que se avistava. Achei curioso, não sabia que passava um trem de carga no meio da cidade, e também não sabia que poderia ter um novo horizonte com montanhas de prédios. Um lugar abandonado que aponta para outro ocupado, um aglomerado de lugares cheios e de repente um vazio . Enquanto o trem passa inquieto, eu permaneço, e nesse momento vejo a paisagem mudar, visivelmente. Antes composta pela ausência do trem, logo mais completa pelo trem e segundos com sua ausência outra vez. Mas os prédios permanecem, edificando -se para mim como montanhas e o trem como uma ventania.



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

de onde ver :

Se durante a seca o céu é austero o solo ao contrário é frágil. Repleto de folhas secas e quebradiças. A fragilidade se confirma quando deito na esteira, escuto um *crec crec*, meu corpo quase quebra o chão e a esteira vira um anteparo. Deitada vejo outras folhas, agora verdes, finas, parecem um pouco rugosas também e já são poucas por galho. Ao ver esses dois estados das folhas, percebo melhor o ciclo de uma árvore. Me dou conta que algumas espécies durante a seca tem mais folhas embaixo do que em cima.



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

Duas Luzes :

Ao deitar na esteira, percebo que escolhi uma copa de árvore que tem um poste de luz, durante o tempo que estive ali ele permaneceu desligado, afinal eram apenas três da tarde. Presente já estava o sol, especialmente nesse dia, em setembro, o sol brilhava mais. Em dias assim o melhor é ficar embaixo de uma árvore, forte e viva consegue controlar a força do sol, sua copa é uma peneira, que deixa apenas o mais fino e leve passar. Mas e a outra luz, esse poste? Quando ligado incide direto, em uma tentativa de clarejar o escuro.

Sobre rever / rêver :

(*rêve m – sonho m*)

andamos sobre a Terra



Sem Título. Luigi Ghirri, 1978.

A terra é o lugar onde tudo que é pesado está naturalmente onde deveria mesmo que se exerça uma pressão sobre o peso, como alguém que o joga para cima, ele tornará a cair, pois seu local natural é a terra. Isso explica porque nossos movimentos, nesse mundo terrestre, são retilíneos. Tem uma origem (seu lugar) e um fim (mais uma vez, seu lugar). A Terra se comprime, em si mesma, sendo pesada e permanecendo em repouso. somente os objetos em sua superfície podem revelar movimento.

A Terra única, visível e imóvel, tão bem encadeada a si mesma, abre uma saída para outro(s) mundo(s): a criação de mundos especulativos, cuja a realidade substancial reside no pensamento. Um breve espaço de tempo que deixa o pensamento sair para além desse mundo rotineiro. Nessa abertura, algumas impressões podem ser confusas e imprecisas e nem sempre se opõem à clareza e ao discernimento. Uma percepção clara e precisa, por vezes, é menos vívida do que uma percepção imprecisa. Normalmente negamos essa visão confusa ou imprecisa em detrimento de um ponto de vista seguro, desconsiderando nossos desejos e as circunstâncias que dele emanam: ver a Terra. Podemos imaginar ao infinito mundos particulares em cada mínima porção de matéria, mundos imensos e inumeráveis. Um mundo possível é promovido à existência ou privado dela, segundo um princípio ético de uma perfeição funcional. Já o desejado, abre-se nessa funcionalidade, desenhando espaços de imperfeição: espaços vazios, abandonados, infinitos, prontos para acolher outras ações, abrigar possibilidades, em um conjunto onde não há significados prontos, tampouco funções à executar. Espaços disponíveis para aquele que escolhe pegar uma via de escape para outro(s) ponto(s) de vista, nesse lugar instalo mirantes.

Na série *Mirantes* desloco objetos do seu uso comum – uma cadeira e uma esteira de praia – para contemplar um espaço destinado ao esquecimento, ao tempo que escapa, ao que desaparece quando se observa. A partir de onde me situo, revejo o espaço.

“o caminho que vai do meu ponto de vista solitário à afirmação de que há um mundo e eu estou nele é, portanto, repleto de atalhos, reviravoltas, intermediários, pistas falsas “

(CAUQUELIN, Anne, No ângulo dos mundos possíveis, Martins Fontes 2011)



Sem título. Yasmin Adorno, 2012.

o mundo é limitado e o vazio infinito

(i)Númeras Terra

Ao instalar mirantes para ver o mundo, lugares costumeiramente ignorados possibilitam uma retórica construída por antenas, árvores, postes, prédios compondo assim um horizonte. Vejo inúmeros pormenores, minúcias e particularidades, atividades humanas que exprimem mais detalhes sobre esse espaço , tornando possível um novo sentido. Deitada em uma esteira ou sentada em uma cadeira, escapo , momentaneamente da relação laboriosa com a Terra, deixando que a paisagem se torne a ordem. A experiência da paisagem extravasa os limites de uma região particular e coloca em questão a abertura do espaço terrestre, a relação entre o que esta além e aquém¹ do horizonte evidente.

¹ CAUQUELIN, Anne. No ângulo dos mundos possíveis, Martins Fontes, 2011.



Horizonte possível. Yasmin Adorno, 2009.

toda porção de matéria pode ser vista como um jardim

Lugares à toa

O ato de atravessar o espaço nasce de uma necessidade, como aquela de encontrar alimentos e informações necessárias para a existência . Satisfeita me movo para habitar o mundo, rumo a lugares não indicados por placas, monumentos ou acontecimentos históricos . Lugares rejeitados, que permitem a descoberta de zonas inconscientes², suprimidas da cidade evidente. São em boa parte espaços vazios, criados através de uma entropia que gera espaços de trânsitos e territórios provisórios.

A cidade atual é constituída por espaços cheios e vazios, convivendo um ao lado do outro. Os espaços vazios se nutrem de resíduos dos cheios. Com objetos que podem acolher o corpo nesse espaço, crio um habitat, um abrigo para o corpo se reconhecer nesta geografia.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. Editora G.Gill , 2013.



Aqui é arte. Paulo Nazareth, 2007.

Não seguir as orientações de uma cidade , é extraviar-se³ nela, como quem se extravia em uma floresta, onde o número de uma SQS pode soar aos meus ouvidos como um ranger de galhos de uma copa de árvore. Contemplar copas de árvores é decompor o que normalmente vejo como conjunto. Na escolha por um ponto de vista banal como referência, me localizo.

³ CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. Editora G.Gill , 2013.



O movimento e a velocidade afirmam-se quase todo tempo como uma presença urbana. Na cidade atravessada por fluxos e massas, quase se perde a possibilidade de se contemplar. Sempre em ação a cidade povoada por máquinas, pessoas, luzes, ruídos, multiplica seus pontos de vista, o que me permite metamorfosear seus espaços. Zanzando entre o cotidiano e o sublime, num deleite entre algo, a um só tempo, insólito e absoluto.

Todos os espaços observados por mim são familiares e ao mesmo tempo desconhecidos, não frequentados e evidentes, banais e inúteis. Nesse observar, realidades me são reveladas. Os espaços se apresentam como sujeitos ativos, pulsantes, produtores de afetos e relações, um organismo vivo⁴ com caráter próprio. Onde tudo cresce e se transforma, não longe do olhar, em um momento de contemplação. Se pode viver o sublime em um lugar à toa, esse olhar sem rumo, constitui uma nova paisagem.

⁴ CARERI, Francesco. Walkscapes: Caminhar como prática estética. Editora G.Gilli, 2013



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

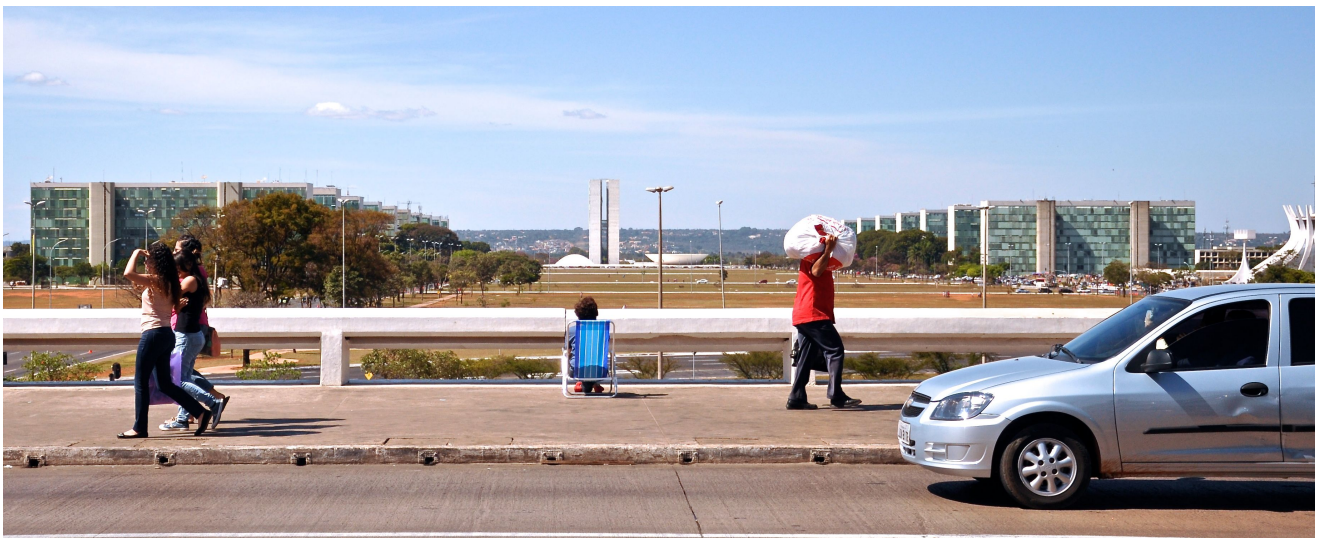
para ter a experiência da paisagem, escolho um lugar com o poder de suspensão e
pouso

Re-pouso sobre a cidade

A cidade se inventa no ato em que me lanço no espaço. Feita de lugares em crise e relevos monumentais, a cidade dá a ver um universo erguido no ar, com figuras arquitetônicas e outras naturais. Forma-se, para o observador disponível, um ambiente de várias texturas com cimento, grama, vidro, aço, madeira, árvores. Entre tantas camadas, a cidade produz mais movimento do que pousos: carros que passam, pessoas, anúncios, tudo comunica, movimentando ocupando. Onde estariam os lugares para pouso? Talvez em jardins ou praças, e porque não na rua? Com essa necessidade de criar lugares de pouso no espaço urbano, instalo uma cadeira no meio da calçada ou uma esteira no gramado, crio uma condição para ver o conjunto, em uma tentativa de encontrar o desmesurado no espaço urbano.

No re-pouso, deixo de sentir meu corpo enlaçado por vias que me fazem rodar e girar segundo uma lei, que não sei dar nome, por tantas diferenças, pelo tráfego, pelas direções, me concedendo uma imagem que antecede à necessidade de os seguir como fluxo. Como praticante⁵ da cidade, cotidianamente vivo de um lá para cá, em longos trajetos, retos, bifurcados ou expressos, jogando com espaço.

Existe uma estranheza no cotidiano⁶. A possibilidade de práticas estranhas ao espaço geométrico, possibilita ver a cidade como algo mutante e em constante constituição, abandonando a certeza do edificado. A cidade oferece amplitude para conceber e construir espaços, a partir de um número de propriedades estáveis, isoláveis ou articuladas umas nas outras. Composta por lugares organizados onde se combinam gestão, eliminação e classificação. Uma racionalização do espaço que produz um discurso dominante para o praticante, esse sempre sujeito a subversão.



⁵ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Editora Vozes 2014.

⁶ Idem.

Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.



Ação 3. Yuri Firmeza, 2005.



Fairy Tales. Francis Alÿs, 1998.

O transitar molda, cria lugares, proporciona à existência inventar uma cidade. Para além da localização, essa cidade inventada cria um mapa urbano, composto de traços, densidades distintas, curvas cheias ou vazias. O traço não substitui a prática. Transitando pelo sistema urbano enuncio, me apropriando da topografia, produzindo um lugar com a minha presença. Constituo um quadro, em relação a minha posição, um próximo e um distante, um lá e um cá. No re-pouso extraio fragmentos para atualizá-los em segredo. O espaço torna-se singular ... uma ilha separada.



Sem título. Yasmin Adorno, 2011.

Da (im)produtividade

A improdutividade pressupõe negação do plano ou projeto, valorizando os meios como fim em si mesmos, sem serem veículos para atingir fins premeditados. Todo projeto é contra a imprevisibilidade. Não se projeta para, mas sim contra: a inércia, o acaso, a impermanência, o descontrole, a não funcionalidade... Abandonar o imprevisível é como aceitar o jogo imposto, a rotina desumanizadora e conformista.

Normalmente, buscamos esse momento de improdutividade nos divertindo, ligados tanto à ideia de prazer como à ideia de desvio. A palavra diversão, *Divertere*, em latim, significa desviar-se da normalidade da rotina, em direção à algo diverso, desviante ou diferente. Essa busca de uma prática lúdica, que desvia para divertir, também opera na desautomatização da percepção rotineira do mundo. Essa diversão nos desvia da ordem repetitiva do cotidiano, abrindo passagens na realidade vivida. Sua condição é a não adesão às ideias de ordem e disciplina como normas de funcionamento da sociedade. Essa ideia de improdutividade me move a realizar a série Mirantes. Cavando na aparência ordenadora e ordenada da cidade, por meio da contemplação, busco trazer o componente diverso que pulsa.

A diversão é vivida como extensão do trabalho, procurada por quem deseja escapar ou desviar-se de sua rotina. No entanto, ela é oferecida, na maioria das vezes, por uma indústria, reforçando o mesmo princípio de mecanização, baseada na repetição do que melhor exprime o seu consumo. Uma vida rotineira e administrada, pautada no valor de troca e produção. Essa troca nem sempre está em busca de uma experiência transformadora mas sim de uma atualização cultural, que permita ao consumidor manter-se no fluxo que o domina.

Na série Mirantes, essa cidade ordenada/esquadrinhada é Brasília e seu entorno. Sua construção com bases em agrupamentos e espaçamento entre eles, conectados por vias expressas e pousadas sobre um imenso solo verde, busca abolir a aglomeração das antigas ruas urbanas. Contudo, essa supressão de ruas, em nome de princípios generosamente coletivistas, a só um tempo transgressivos e utópicos, revela uma prática paradoxal. Voltada plenamente para o domínio público e lazer coletivo, a cidade parque acaba não praticada. Aqui, para se divertir/desviar, é necessário consumir: ir à um bar, ao setor de diversões, cinema, teatro. Esse complemento lógico ao mundo do trabalho, essa extensão aparentemente sem conflitos cria uma rotina maquinal. A presença do espaço verde tenta, então, conciliar homem – natureza, homem – paisagem.



Hospes urbano. Intervenção com almofadas e máscaras de dormir feitas de alecrim e camomila, Yasmin Adorno, 2013.

A preguiça

Sem novidades e com preguiça

Infelizmente a preguiça sofre de uma problematização moral na sociedade contemporânea ocidental. Condena-se a preguiça ao considerá-la um vício ou pecado capital. Mas existe um lado político em ser preguiçoso, de resistir à tanta produção demandada. A preguiça não significa incapacidade de se fazer esforços, mas sim a conquista do tempo, do perder tempo, perder-se no tempo.

A preguiça em nossa sociedade é um erro, uma ausência de disciplina que impossibilita estruturar atividades para extrair o máximo de utilidade. Todo momento vazio é uma tentação para a preguiça tão condenada. Nas nossas atividades, se nenhum momento deve ser vazio, é porque nada deve escapar à produção de riquezas, dentre elas a novidade. A preguiça é vista como uma passividade lasciva ou uma recusa do esforço, mas ela também pode ser uma outra forma de atividade não reconhecida pelo sistema atual.

Ao parar e sentar em um jardim da L4, perto de uma pista onde muitos carros passam, indo e vindo apressados, calculando seu tempo, me sinto liberta para ver, escutar e sentir tudo que produz esse espetáculo. Esses momentos me permitem produzir lembranças e impressões. Sou preguiçosa, não contribuinte ao progresso coletivo. Fora do trânsito apressado, noto que algo é exigido, a minha presença. Presença essa, recusada quando estou em busca de lucro e produção. Nesse momento, ideias vão e vem, em uma liberdade de pensamento que me permitem encontrar formas, ideias, frases que nunca teria encontrado em meio à funcionalidade dos momentos.

A preguiça permite lidar com o devir, é pensamento inventivo e não um instrumento para se obter algo. Não é um tempo vazio, mas a gestão de uma germinação lenta. Impor-se a preencher todos os momentos é privar-se de um outro tempo que permite a renovação e invenção.



Filme *Macunaíma*, Joaquim Pedro de Andrade, 1969



Filme *La collectionneuse*, Eric Rohmer, 1967.

A preguiça consiste, então, em estar disponível ao presente. Ser preguiçoso é não antecipar. Estar disponível ao presente é dar-se o tempo, contrariando a tirania imposta pela produção. Dar tempo é retardar, marcar pausas. A tirania da produção subtrai, constantemente, da nossa existência a disponibilidade, a gratuidade, a inutilidade e a lentidão. Valores-preguiçosos revelados em ações como aquelas de se deitar em uma esteira de praia, em meio a uma super-quadra do plano piloto, em plena segunda-feira.

[...]

“ (...) é uma cidade igual a um sonho, tudo que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então seu oposto, um medo. As cidades, como sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor do seu discurso seja secreto, que suas regras absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa ”

(CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Companhia das Letras, 1990.)



Mirantes. Yasmin Adorno, 2014.

Bibliografia :

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Companhia das Letras, 1990.

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. No ângulo dos mundos possíveis. Martins Fontes, 2011.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano : 1. Artes de fazer. Editora Vozes, 2014.

MARC – BESSE, Jean. Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Perspectiva 2006.

NOVAES, Adauto. Mutações : Elogio à preguiça. SESC SP, 2012.